

# COMUNICAÇÃO E INTERAÇÃO SOCIAL

## O JARDIM DE BORGES PELA ANÁLISE DA TEORIA DOS SISTEMAS

*Dalmir Lopes Júnior*

*(Mestre em Ciências Jurídicas e Sociais pelo PPGSD/UFF)*



Fonte: WEB.

### **Resumo:**

No conto de Jorge Luis Borges, “O jardim dos caminhos que se bifurcam”, encontramos um substrato ideal para a compreensão do fenômeno da interação intersubjetiva. A narrativa de Borges está calcada, como eixo básico do romance, na incerteza quanto aos resultados das ações. Este recurso da incerteza quanto às ações permite-nos estabelecer uma correlação entre a percepção individual – própria da recursividade dos pensamentos de determinado indivíduo – e a comunicação social – que transcende a esfera da psique para constituir-se como uma realidade independente da percepção. O resultado dessa análise aponta para a existência de uma descontinuidade entre os sistemas sociais, formados pela comunicação entre os indivíduos, e a percepção que fica encerrada na psique. Deste embate entre o percebido e o comunicado emerge uma ordem (social) que torna possível o engate entre as mais diversas percepções. O conto de Borges, neste sentido, possui um forte valor heurístico na medida que fornece os elementos necessários para a compreensão da emergência da ordem social.

### **Abstract:**

In Jorge Luis Borges story, “O jardim dos caminhos que se bifurcam”, we found an ideal substratum for the understanding of the phenomenon of the inter-subjective interaction. Borges’ narrative is stepped on, as basic axis of the romance, in the uncertainty as for the results of the actions. This resource of the uncertainty as for the actions allows to settle down a correlation among the individual perception - own of the recursively of the thoughts certain individual - and the social communication - that transcends the sphere of the psyche to constitute as an independent reality of the perception. The result of that analysis appears for the existence of a discontinuity among the social systems, formed by the communication among the individuals, and the perception that is contained in the psyche. Of this collision among noticed and the official report emerges an order (social) that turns possible the clamp among the most several perceptions. Borges’ story, in this sense, possesses a fort heuristic value in the measure that supplies the necessary elements for the understanding of the emergency of the social order.

1.

A maioria das reflexões sociológicas tradicionais elege a ação como elemento central de análise. Esta ação pressupõe um entendimento prévio acerca do comportamento dos agentes, quer os integrando numa bilateralidade relacional cujos valores são compartilhados culturalmente, quer tratando os partícipes como agentes dotados de racionalidade, contudo ambas as formas pressupõem uma reciprocidade do agir fundada num apriorismo. Ao vincularmos as ações individuais à cultura, deslocamos o eixo de toda seleção destas para o passado, já tratar os agentes como “dotados de racionalidade”, acaba-se por ocultar um fenômeno, a saber, que toda relação está calcada na incerteza e na contingência das ações.

Devemos, antes de pressupor a ação como dado operacional, compreender o que leva os partícipes de uma relação a eleger um comportamento em detrimento de outros possíveis. Ao depositarmos nossa fé na explicação da razão ou da cultura, fatalmente devemos admitir que os agentes elegem um comportamento por ser o mais “racional” ou por estar determinado por seu passado. Em ambos a contingência sobre o futuro é eliminada, num primeiro momento, pela razão prever as conseqüências, num segundo, pelas próprias ações já estarem asseguradas por uma “memória” do que pode advir. Cabe a nós questionarmos, neste ensaio, como é possível advir tais sensações de ordem quando todas as ações são possíveis. Além do mais, partir de um princípio de suspensão de julgamento sobre o comportamento dos atores sociais é contemplar o homem de uma forma muito mais humana, como um ser passível de erros e acertos, ou mesmo, cujo comportamento pode possuir significados diferentes para observadores diferentes.

Para essa análise nos valeremos da teoria dos sistemas de Niklas LUHMANN, mais precisamente do ponto que aborda o teorema da dupla contingência. Entretanto, não se tratará de uma investida puramente abstrata, mas analisaremos esse teorema, que se esforça para explicar a interação social, a partir da leitura de um conto de Jorge Luis BORGES chamado “O jardim dos caminhos que se bifurcam”. Esse extraordinário conto de BORGES é um retrato perfeito da interação social. É o encontro de “sujeitos inteiros” e não personagens pré-definidos, com vontades e desejos, senão sujeitos-personagens que não interpretam as ações e delas tiram significados para suas ações.

Na nossa visão, o tema principal desse conto não é somente o operar do tempo como catalisador das escolhas de quais caminhos perseguir em detrimentos de outros, senão que é como a percepção e a comunicação unem dois universos completamente distintos porém mutuamente ligados, que é a percepção da esfera individual, e a comunicação

da esfera social. Torna-se muito mais evidente pelo conto que a percepção não determina a realidade social, que é fruto de interações, nem essas interações podem tornar-se informações indelévels e seguras para o indivíduo. Nosso convite consiste portanto em percorrer o jardim de Borges a nossa maneira, traçando nosso rumo, selecionando nossas próprias escolhas, mesmo sabendo do risco que corremos e que afinal será sempre o mesmo, de podermos percorrer novamente de forma completamente diferente, ainda assim, ora percorreremos dessa maneira, embora de uma próxima, talvez não...

2.

O conto começa com a projeção de várias incertezas, do autor quando diz: que o depoimento, no qual consiste o conto, foi baseado no livro da **História da Guerra Européia** de Liddell Hart, mas faltavam as duas páginas iniciais. Essa falta lança o leitor num questionamento acerca de uma certeza que poderia já ter sido apresentada, mas ainda ausente. Os personagens tornam-se por isso contingentes quanto ao contexto em que são inseridos, não há ou pode já ter havido (?) uma descrição ou informação não apresentada, neste sentido é um convite inicial para que o leitor desenvolva a interpretação de algo que já subsiste no mundo fático. Essa incerteza é meta-analítica, mas *a posteriori* já se insere na própria história, quando o personagem principal, Dr. Yu Tsun, começa sua narração, e constata que Viktor Runenberg, que como o protagonista é um espião alemão na Inglaterra, havia sido supostamente assassinado por Richard Madden, um irlandês às ordens da Inglaterra. Tal conclusão é admitida por Tsun quando este liga para o amigo, mas quem atende e seu inimigo, Richard Madden. “(...) Runenberg tinha sido detido, ou assassinado” (BORGES, 1972: 96), ou seja, algo havia acontecido, e o sinal para que Yu Tsun chegasse a esta conclusão está no simples fato de Madden, arqui-rival, ter atendido o telefone. Logo, o seu destino estaria próximo e possivelmente “antes que o sol desse dia declinasse, eu [Yu Tsun] sofreria a mesma sorte” (idem: 96).

A incerteza reina por todo o conto, e aparece sobre o signo do acaso e do imprevisto, e isso leva a um constante choque de expectativas. Yu Tsun conclui, a partir de uma voz que julga ser de Madden – e que só no decorrer do conto que se confirma –, que se seu amigo foi assassinado, e ele deveria esperar a mesma sorte para si: “pareceu-me incrível que esse dia sem premonições fosse o dia de minha morte implacável” (idem: 96). A morte apresenta-se como o fim de todas as possibilidades de escolha; é quando o futuro e o passado são criados por essas mesmas possibilidades de escolha, sem escolha não há uma sensação de futuro e nem de passado, apenas determinação e repetição rotineira: “depois refleti que

todas as coisas nos acontecem precisamente agora. Séculos de séculos e apenas no presente ocorrem os fatos; inumeráveis homens no ar, na terra e mar, e tudo o que realmente sucede, sucede a mim...”. Nessa contemplação do personagem podemos separar dois elementos importantes que permeiam a trama. O Primeiro é o tempo ligado às escolhas, quanto a isso podemos dizer, seguindo SARTRE que:

A temporalidade é evidentemente uma estrutura organizada e que estes três ‘elementos’ que pressupõem o tempo: passado, presente e futuro, não devem ser vistos como uma coleção de ‘dados’ em que é necessário somar(...), mas como momentos estruturados de uma síntese original. Senão que nós nos encontramos ao redor deste paradoxo: o passado não é mais, o futuro não é ainda, enquanto o presente é instantâneo. (SARTRE, 1995: 142)

Um outro ponto diretamente vinculado ao primeiro está no fato de que toda observação não extrapola os limites do sistema observador, a realidade que se apresenta é realidade para o observador. Yu Tsun no fim eminente descobre ou se dá conta de que **a realidade**, nada mais é que **sua realidade**, sua morte é o fim do processo de perceber as coisas do mundo, e sistemas de percepção são sistemas físico-biológicos, a biologia neste sentido está intimamente vinculada a como se percebe e se constrói a realidade. Não só delimitando o início com o nascimento e o final com a morte, mas a cada processo de aceitar/recusar está correlacionado com um estado idiossincrásico (cf. MATURANA, 2001).

O observador constrói sua realidade através de um processo de distinção, e o significado que advém de sua recursividade é somente sua. Os fatos que acontecem a cada segundo e que não fazem parte de sua observação não existem para ele. Ambas perspectivas de tempo e observação irão permear toda a narrativa. Importante frisar no entanto que, enquanto sistemas psíquicos, os indivíduos permanecem desconhecidos um para o outro, pois todo pensamento e todas as percepções advindas do meio restam encerrados na psique individual, na rede conectiva que fornece sentido unicamente para cada um desses sistemas. Antes de advir qualquer comunicação, o percebido não pode ser confirmado ou repudiado, não há o que ser demandado, e tampouco contestado. Talcott PARSONS expressa o problema da seguinte maneira: a ação não pode ter lugar se *alter* não faz depender sua própria ação do modo de proceder de *ego*, a partir de onde se cria um círculo de auto-referência determinante. Mas por enquanto devemos ainda nos ater a narrativa.

“Ciente” de seu possível destino, Tsun começa a pensar como poderia fazer para que uma informação valiosa que possuía chagasse a seu Chefe (na Alemanha), a saber, o nome do lugar do novo

parque britânico de artilharia sobre o Ancre. Como poderia fazer com que sua informação chegasse à Alemanha, tendo em vista que seu fim estava próximo? E ainda, como repassar tal informação se somente dispunha de alguns objetos pessoais, dentre os quais uma pistola com uma bala... No meio do caos, um pensamento: “Pensei vagamente como um tiro de pistola podia ser ouvido bem longe” (BORGES, *op. cit.*: 97). Com este pensamento e com o auxílio de um catálogo telefônico, ele arquitetou seu plano. Dirigiu-se à estação de trem, pois pretendia ir até a estação de Ashgrove. O trem saía às vinte horas e cinquenta minutos e o próximo somente sairia quarenta minutos após. Quando seu trem começou a locomover-se, Tsun reconheceu um homem que correu em vão para poder embarcar, tratava-se de Richard Madden. Por alguns segundos ele conseguira escapar, mas estes segundos apenas significavam alguns minutos, o intervalo entre um trem e outro deveria ser o tempo suficiente para levar a cabo sua missão, e “(...) sem essa diferença preciosa que o horário dos trens me oferecia, eu estaria no cárcere ou morto” (idem: 99). Aqui novamente o acaso apresenta-se como uma contingência.

Ao chegar na estação, ninguém gritou o nome da estação e Tsun pergunta a alguns meninos que estava na plataforma: “Ashgrove?”. Estes respondem: “Ashgrove”. E esta cena oculta uma particularidade interessante da realidade criada por cada agente. A resposta dada pelos meninos, de fato, não pode ser considerada uma resposta imediata, pois nem afirma nem nega o perguntado, mas Yu Tsun entende que esta resposta corresponde a uma afirmação. A forma de expressar esta informação, contudo, pode ter fornecido o convencimento necessário para a conclusão do protagonista de BORGES, mas certamente essa resposta foi intencionalmente proposta pelo autor de forma a que não gerasse uma certeza imediata, pois segue uma pergunta nada peculiar dos meninos para Yu Tsun: “O senhor vai a casa do Dr. Stephen Albert?” (id., *ibid.*). A plataforma, na qual se desenrolam estes acontecimentos, é iluminada apenas por uma lâmpada e todos então se vêem como numa penumbra. Logo após esta pergunta, segue quase imediatamente uma explicação: “A casa fica longe daqui, mas o senhor não vai se perder se tomar esse caminho à esquerda e se em cada encruzilhada do caminho dobrar à esquerda” (id., *ibid.*). Novamente se segue uma comunicação do mesmo tipo da inicial, pois Tsun não responde nem que sim nem que não, mas atira-lhes uma moeda e toma o caminho de sua empreitada.

Agora, se adotarmos a perspectiva de Yu Tsun, – e adiantando que era exatamente esse o lugar em que pretendia ir – como os meninos poderiam saber, ou que levaram eles a fornecer essa informação sem precedente algum? Niklas LUHMANN explica que todas as ações estão calcadas sob o pressuposto

da incerteza, isto expressa a ação como uma contingência, **contingência** de ação deve entender-se aquela ação que não é nem necessária, nem impossível, é precisamente como foi, embora pudesse se dar de outra forma<sup>1</sup>. Os comportamentos de Yun Tsun e dos meninos encontram-se inicialmente delimitados pelo ambiente das ações possíveis, com isso queremos dizer que as experiências possíveis que lhes são apresentadas ainda é muito maior do que as que eles podem vivenciar. Esta situação exprime o que LUHMANN chama de complexidade<sup>2</sup>, e a seleção de uma das possibilidades de ação é sempre expressa numa contingência. Nesta relação de dupla contingência, Yun Tsun e os meninos apresentam-se como duas caixas-pretas<sup>3</sup>, quer dizer, cada um determina seu próprio comportamento pelo complexo auto-referencial de operações dentro de seus próprios limites. Cada partícipe enxerga o que para ele é necessário para a redução da complexidade, e assume o comportamento do outro através desse mesmo valor. O operar de cada um deles é “cego” em relação ao outro. Não é a toa que Borges descreve a Plataforma como sombria e iluminada por apenas uma lâmpada. O ambiente pode significar uma metáfora da compreensão de cada observador envolvido nessa dupla contingência. A escuridão representa a incerteza de Yu Tsun em relação ao comportamento dos meninos como outros com os quais entabula relações, mas que inicialmente se pode esperar uma gama de comportamentos. A luz é a complexidade reduzida pelo processo de percepção e construção da realidade a partir dessa mesma escuridão, e que possui um significado idiossincrático para cada personagem. Logo, conforme explica LUHMANN, a determinação do comportamento de *alter* é observada por *ego* pela reprodução da própria correlação de ações de *ego*, isto porque toda tentativa de “calcular” o comportamento do outro será fracassada, o que torna muito mais passível de sucesso a tentativa de *ego* tentar influenciar *alter* através de seu ambiente. Cria-se, dessa maneira, uma ilusão de abertura externa de determinação na forma de acesso ao exterior, e isso ocorre sempre que sistemas psíquicos entram, entre si ou com sistemas sociais, em contato.

Verdadeiramente, *alter* e *ego* – no conto, Yu Tsun e os meninos – apresentam-se como observadores, e cada um, em sua auto-referencialidade, atua seletivamente “trazendo” o outro para sua esfera de influência, induzindo um estímulo e aguardando uma resposta, e aprendem auto-referencialmente, através de sua própria perspectiva de observador. Tanto o estímulo quanto a resposta possuem significados próprios para ambos os partícipes; neste caminho de sentido é que emerge uma ordem, uma situação interacional que possibilita o controle da complexidade. As incertezas quanto ao comportamento precisam ser controladas nesse jogo

interacional, e somente dessa forma que insurgem sistemas sociais.

Entretanto, a magia desse conto de BORGES está em expressar não a formação de sistemas sociais pela comunicação, mas sim retratar essa situação elementar de sua formação, o que Luhmann nomeia de dupla contingência. Isto porque para ocorrer a formação dos sistemas sociais é necessário que ocorra igualmente a *estabilização das expectativas*, e estas expectativas estão sempre sujeitas a serem frustradas. É exatamente essa estabilização que BORGES não deixa ocorrer ao longo de todo o conto.

Em face das explicações dos meninos, Yu Tsun reflete: “Por um instante, pensei que Richard Madden havia de algum modo penetrado em minhas desesperadas intenções. Logo compreendi que isto era impossível” (idem, p. 100). As duas orações expressam um jogo necessário à formação dos sistemas sociais e, conseqüentemente, da construção social da realidade, quer dizer, de como uma realidade emerge para um indivíduo e de como uma realidade se estende para além deste. A primeira oração expressa sua situação de observador. Como – novamente, sabendo que ele iria para aquele local – os meninos poderiam conhecer seu destino? Por que eles “acertaram” o local para o qual se dirigia? Uma explicação possível para isso é que Richard Madden, aquele que o perseguia tão ferozmente havia se antecipado às suas ações, e os meninos seriam igualmente espíões, espíões mandados por Madden. Novamente recorremos a LUHMANN. O que é particularmente singular na interação que expressa a dupla contingência, é que o sujeito, considerado individualmente, toma ciência dos fatos percebidos, mas quando diretamente inserido na interação, o comportamento do outro passa a constituir informação que pode ser utilizada para definir seu próprio comportamento. Todo comportamento, quer seja calculado ou acidental, constituir-se-á num valor informacional e conectivo para ação, cumpre ressaltar que **mesmo o comportamento não racionalizado, não intencional**, possui o mesmo **valor de conexão**, e gera igualmente no outro o impulso informativo cujo valor simbólico depende somente deste como observador. Podemos concluir, por esta análise, que o resultado produzido pela dupla contingência, não pode ser reduzido a nenhum dos participantes envolvidos, pois este resultado acontece na unidade que expressa o processo em que elementos dependem de outros elementos. Na perspectiva do sujeito individual, este processo está contido apenas como **conteúdo de consciência**, como um tema de sua própria recursividade interna, do seu pensar, e por isso é relativo a ele enquanto observador. Logo, o plano de Tsun permanece como um conteúdo de consciência, e, por isso, Madden não poderia ter conhecimento, pois jamais permeou qualquer comunicação. O plano de Tsun não existe

socialmente, pois nunca transcendeu a esfera de sua psique individual, trata-se de uma realidade apenas para Tsun. E o personagem logo compreendeu que não era possível que Madden houvesse descoberto algo. Para que o capitão Inglês soubesse de algo, era necessário que houvesse uma comunicação a respeito que transcendesse a esfera da pura percepção. A comunicação é o que permite transcender a esfera da psique individual para o enlace interacional.

Então, se há comunicação a barreira das caixas-pretas é quebrada? A resposta é negativa. A primeira imagem de devemos desfazer consiste em tratar a comunicação como um processo de “transmissão de informação”. Precisamos abandonar o que LUHMANN chama de “metáfora de transmissão”. Quando dizemos que a comunicação é emissão de uma mensagem, não devemos compreender que essa mensagem é de fato transmitida. Se trabalharmos com uma lógica de transmissão de mensagem entre emissor e receptor, estaremos tentados a trabalhar com lógicas lineares, e o conteúdo da percepção estaria, por assim dizer, numa relação direta com o conteúdo da comunicação, retornaremos a esse ponto mais a frente, por ora devemos retornar aos acontecimentos da história.

O conselho de ir sempre a esquerda dado pelos meninos na estação de Ashgrove reativou a lembrança de Tsun, sobre um antepassado seu, Ts’ui Pen, que foi governador de Yunnan e que renunciou ao poder para escrever um romance que fosse  **muito populoso** e para edificar um **labirinto** em que todos os homens se perdessem, isto porque seguir sempre a esquerda era um procedimento comum para se descobrir o pátio central de certos labirintos. Contudo, lembra que o romance de seu antepassado era insensato, pois não havia uma seqüência lógica de acontecimentos <sup>4</sup>.

E “distraindo-se” com seus pensamentos Yu Tsun chega a um portão enferrujado, e além dele pode ver uma alameda que levava a um pavilhão, e que a música que de lá vinha, era chinesa. “Não recordo se havia uma sineta ou campainha ou se chamei batendo palmas” (idem: 101). Aproximou-se da casa um homem segurando uma lanterna de papel – ao estilo oriental, em forma de sanfona –, Tsun não conseguiu distinguir o rosto, o que poderia ser novamente mais uma metáfora de BORGES em relação a dupla contingência. *Alter* apresenta-se a *ego* como totalmente inacessível no momento da interação expressa na dupla contingência. Isso se confirma pelos fatos que se seguem. O homem abre o portão e diz em chinês: “Vejo que o piedoso Hsi P’eng se empenha em corrigir minha solidão. O senhor sem dúvida deseja ver o jardim?”. Tsun reconhece esse nome como sendo de um cônsul chinês e responde: “O jardim?”. E o homem diz: “O jardim dos caminhos que se bifurcam”. Tsun não corrige o erro do interlocutor, simplesmente

não refuta a percepção deste, senão que continua o curso da comunicação referindo-se a comunicação ulterior, abrindo um caminho comunicativo para se percorrer, indiferente à sua identidade. Mas não só por isso, como também alguma lembrança, ao mesmo tempo antiga e recente – visto que estes pensamentos o acompanharam pelo caminho, e diz: “O jardim de meu antepassado Ts’ui Pen.”. A comunicação segue: “Seu antepassado? Seu ilustre antepassado? Avante”, e o convida para entrar...

Já na biblioteca da casa, Stephen Albert, o proprietário, e ele, Yu Tsun, reúnem-se na biblioteca. No caminho até lá ele pôde distinguir uma série de objetos raros sobre a cultura chinesa. Stephen Albert, para surpresa de Tsun, era um sinólogo <sup>5</sup>. E Albert conta a Tsun a história de seu antepassado, Ts’ui Pen. Albert tece uma série de elogios a Pen, enaltecendo sua genialidade e seu empreendimento, que consistiu em criar um livro e um labirinto, e reconheceu que os herdeiros de Pen só conseguiram vislumbrar manuscritos caóticos e sem valor. O próprio Tsun fala: “O livro é um acervo indeciso de apontamentos contraditórios. Examinei-o certa vez: no terceiro capítulo morre o herói, no quarto está vivo” (idem: 103). Entretanto, Albert conta a Tsun que o labirinto que Ts’ui Pen construiu não era um labirinto físico, mas simbólico, e que ele, Albert, havia decifrado o enigma, de que o livro de Pen e seu labirinto eram uma coisa só. E Pen fez o labirinto de forma que fosse infinito, mas como um livro poderia ser infinito? Explica Albert que através de “(...) um volume cíclico, circular. Um volume cuja última página fosse igual à primeira, com possibilidade de continuar indefinidamente” (idem: 104). O segredo do romance, explica Albert, é que o tempo devia ser um dado de manipulação possível, pois em cada romance cada vez que um personagem se defronta com alternativas, ele escolhe uma em detrimento das outras, o que o antepassado de Tsun fez foi criar um livro em que fosse possível optar por todas as alternativas. Assim:

Fang, digamos, tem um segredo; um desconhecido o chama a porta; Fang decide mata-lo. Naturalmente, há vários desenlaces possíveis: Fang pode matar o intruso, o intruso pode matar Fang, ambos podem salvar-se, ambos podem morrer, etc. Na obra de Ts’ui Pen, todos os desfechos ocorrem; cada um é o ponto de partida de outras bifurcações (idem: 105).

E continua Albert: “(...)por exemplo, o senhor chega a esta casa mas num dos passados possíveis o senhor é meu inimigo, em outro, meu amigo” (*id.*, *ibid.*). Quando os partícipes sabem o limite do que se podem esperar do outro, o sistema social cumpre seu papel, a saber, reduzir a complexidade social. Para que isso ocorra, tanto *alter* como *ego* precisam compartilhar expectativas

comuns. As expectativas precisam ser, sobretudo, generalizadas<sup>6</sup>, quer dizer, não basta que *ego* tenha uma expectativa sobre o comportamento de *alter*, e vice-versa. Isto porque *alter* pode atuar de maneira diversa do que *ego* espera, e não só por acaso, mas por conhecer o que este espera. A reflexividade expressa a relação em que *alter* sabe que *ego* determina seu comportamento em função dele, então *alter* pode considerar o efeito dessa antecipação. *Alter* pode não deixar claro suas intenções ou enganar *ego* a partir de uma dissimulação. Acontece que justamente por isso que são formadas as estruturas dos sistemas sociais. O comportamento não pode ser previsto, mas aquele que atua numa interação cria a expectativa sobre o que é esperado, ou seja, ele cria uma expectativa sobre expectativas. A formação desses laços de confiança é o que torna possível os sistemas sociais emergirem como orientações para a ação.

Cumprido ressaltar que a realidade que emerge como “ordem” generalizada de expectativas, é independente dos partícipes da relação, não quer dizer que não haja interação recíproca, mas quando há, esta somente ocorre de forma indireta e especial, pois ambos possuem recursividades próprias.

A dupla contingência pode ser reformulada agora no plano da expectativa. *Ego* possui uma expectativa em relação ao comportamento de *alter*, e, reflexivamente, cria uma expectativa em relação à expectativa que *alter* possui sobre o comportamento dele. Isto ocorre quando as expectativas são generalizadas. Neste sentido, todos estão sujeitos, em nível da percepção, a acertos e a erros em suas avaliações. Podemos construir assim um exemplo (cf. LUHMANN, 1983): *ego* apresenta-se como aquele que *alter* busca como parceiro, e procura transparecer esse dado em seu comportamento para que *alter* possa igualmente se apresentar para *ego* como tal. Um comportamento típico, diz Luhmann, de quem pode esperar expectativas, mas a iminência de um conflito também é resolvida pela incidência de expectativas de expectativas. Não é porque *Ego* experimenta um comportamento inamistoso por parte de *alter*, e antecipa-se então; nem tampouco porque *ego* espere um comportamento inamistoso de *alter*, antecipando-se então; e sim porque *ego* espera que *alter* espere sua inimizade, o que o leva a definir seu comportamento como inamistoso. A inimizade surge com o processo de percepção do próprio agente, como uma conclusão recursiva interna.

*Sob as condições da dupla contingência, portanto, todo experimentar e todo agir social possui uma dupla relevância: uma ao nível das expectativas imediatas de comportamento, na satisfação ou no desapontamento daquilo que se espera do outro; a outra em termos de avaliação do significado do comportamento próprio em relação*

*à expectativa do outro.* (LUHMANN, *op. cit.*: 48)

Assim no exemplo, a realidade que se apresenta a Fang é complexa e ele deve eleger um comportamento em detrimento de outros, mas a sua escolha está condicionada a riscos, estes risco se dão em dois níveis: num primeiro momento o risco advindo da própria ação, e num segundo, em decorrência da eleição de sua ação, visto que a ação selecionada é o resultado da compreensão de Fang em relação ao desconhecido que bate à porta. Fang pode julgar que o desconhecido é seu inimigo, logo Fang espera que o desconhecido espere sua inimizade, e antecipa-se a este fato, matando-o, mas pode julgar mal... Pois se ele o mata dessa forma, morre como um inimigo para Fang, mas para o desconhecido, tal expectativa podia não se apresentar como possível, ou seja, ele esperava que Fang esperasse dele sua amizade, e assim o desconhecido morre, sendo, ao mesmo tempo, amigo e inimigo. A reflexividade da ação implica nesse constante jogo de expectativas recíprocas, cuja antecipação pode levar um indivíduo a adotar uma postura em detrimento de outras, como ocorre ao longo do conto de Borges.

Albert explica para Tsun que o labirinto escondia um enigma, que consistia em contemplar o tempo como não uniforme, e todas as possibilidades, no romance de Pen, aconteciam, por isso ele é aparentemente desconexo. E diz a Tsun:

Não existimos na maioria desses tempos; alguns existe o senhor e não eu. Noutros, eu, mas não o senhor; noutros, os dois. **Neste, que um acaso favorável me surpreende, o senhor chegou a minha casa;** noutro, o senhor, ao atravessar o jardim, encontrou-me morto (...) (BORGES, *op. cit.*: 108, grifo nosso).

E Tsun diz que em todos agradeceria a recriação do jardim de Ts'un Pen, mas Albert diz que não em todos, pois “(...) o tempo se bifurca perpetuamente para inumeráveis futuros. Num deles sou seu inimigo” (idem: 109). Nisto, Tsun percebe – ou imagina – a figura de Richard Madden adentrando ao jardim, e diz para Albert que o futuro já existe, pois **ele é diferente do que Albert imagina**, mas ele permanece como seu amigo. Pois Albert ao virar as costas é atingido por um tiro fulminante de Tsun. E suas expectativas quanto ao comportamento de Tsun não são desfeitas.

Com isso Tsun consegue cumprir sua missão, pois a notícia da morte do sinólogo Stephen Albert por Yu Tsun, estampada nos jornais forneceu a informação necessária para Berlim. Visto que o problema de Tsun era indicar o local do novo parque de artilharia britânico, ao matar o sinólogo ele deu a pista da cidade que se chamava Albert. Yu Tsun foi preso por Madden e morto na forca, mas não antes de dizer: “Não sabe (ninguém pode saber) minha

imensa contrição e cansaço” (idem: 109). Isto porque somente cabe a ele este sentimento, não há como comunicar seu sentir pessoal.

Cabe lembrar agora uma passagem em que Tsun diz: “O executor de uma empresa atroz deve imaginar que já a cumpriu, deve impor-se um futuro que seja irrevogável como o passado” (idem: 99). E de certa forma representa um paradoxo dentro do texto. Uma escolha inalterada e que a partir dela se define o caminho, mas que podem ser muitos outros, variados e imprevisíveis, determinação e acaso. Nesse conto Yun Tsu morre e comunica a Berlim, noutros ele conseguiu viver e fugir, e abandona sua empreitada, em outros só morre... Assim, BORGES cria seu próprio labirinto, seu próprio jardim de caminhos que se bifurcam, e seu labirinto inegavelmente imita a vida.

## REFERÊNCIAS:

BORGES, Jorge Luis. “O jardim dos caminhos que se bifurcam”. In: Idem. **Ficções**. São Paulo: Abril Cultural, 1972.

LATOURE, Bruno. **Ciência em ação**: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. Tradução de Ivone C. Benedetti. São Paulo: UNESP, 2000.

LUHMANN, Niklas. “La sociologia como teoria de sistemas sociales”, in: Idem. **Ilustración sociológica y otros ensayos**. Tradução de H. A. Murena. Buenos Aires: Sur, 1973.

\_\_\_\_\_. **Sociologia do direito**. Trad.: Gustavo Bayer. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, Vol. I., 1983

\_\_\_\_\_. **¿Qué es Comunicación?**. Trad.: Miguel Chávez et al. Santiago: Universidad de Artes, Ciencias y Comunicación - UNIACC. Revista Talon de Aquiles, Outono de 1995, nº1. Disponível em: << <http://www.uniacc.cl/talon/antiores/talonaquiles1/luhmann.htm>>>. Acesso em: 20 jun. 2000.

\_\_\_\_\_. **Social System**. Tradução para o inglês: John Bednarz Jr e Dirck Baecker. Califórnia: Stanford University, 1995.

MATURANA, Humberto. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Organização e tradução de Cristina Magro e Victor Paredes. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

MATURANA, Humberto. e VARELA, Francisco. **A árvore do conhecimento**: as bases biológicas da compreensão humana. Tradução de H. Mariotti e L. Diskin. São Paulo: Palas Athena, 2001.

SARTRE, Jean-Paul. **L'être et le néant**. França: Gallimard, 1995.

## NOTAS:

<sup>1</sup> “Something is contingent insofar as it is neither necessary nor impossible; it is just what it is (or was or will be), though it could also be otherwise” (LUHMANN, Niklas. **Social Systems**. Tradução de John Bednarz Jr e Dirk Baecker. Califórnia: Stanford University, 1995, p. 106).

<sup>2</sup> “Complexidade, neste sentido, significa estar forçado à seleção; sendo forçado a selecionar significa contingência; e contingência significa risco (...) Essa obrigação de fazer seleções que condiciona [novas] seleções é que permite explicar como muitos diferentes tipos de sistemas são formados sem o substrato de unidades similares...” (Ibidem, p.25). Ainda: “Com complexidade queremos dizer que existem mais possibilidades do que se pode realizar” (LUHMANN, Niklas. **Sociologia do Direito**. Trad.: Gustavo Bayer. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, Vol. I., 1983, p. 45).

<sup>3</sup> “A expressão *caixa-preta* é usada em cibernética sempre que uma máquina ou um conjunto de comandos se revela complexo demais. Em seu lugar, é desenhada uma caixinha preta, a respeito da qual não é preciso saber nada, senão o que nela entra e o que dela sai” (LATOURE, Bruno. **Ciência em ação**: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. Tradução de Ivone C. Benedetti. São Paulo: UNESP, 2000, p.14).

<sup>4</sup> “Pensei num labirinto de labirintos, num sinuoso labirinto crescente que abarcasse o passado e o futuro e que envolvesse, de algum modo, os astros. Absorto nessas imagens ilusórias, esqueci meu destino de perseguido” – Yu Tsun pensa como seria tal labirinto, e esquece dos acontecimentos... O labirinto que Borges aqui apresenta é o da própria percepção. E a realidade que nos cerca depende de nossas percepções. O labirinto de nosso pensar nos leva por caminhos diversos, cria e recria ilusão e realidade.

<sup>5</sup> E agora começa a fazer sentido o primeiro encontro que retrata a contingência do agir de Tsun e dos meninos da plataforma. Tsun expressa sua desorientação, e pergunta o nome da estação. Logo, os dados: chinês, desorientado, num pequeno povoado... Os meninos da plataforma poderiam ter chegado a esta conclusão a partir desses elementos, logo a antecipação da pergunta, pois era possível que ele estivesse procurando a casa de Stephen Albert, que seria, na cidadela, reconhecido pela sinologia.

<sup>6</sup> “Generalização significa uma essencial desatenção a respeito de diferenças, simplificação e redução da complexidade. Através da generalização das expectativas de conduta se facilita a sintonização concreta da conduta social de sua variedade, posto que já se fixou antecipadamente o que se pode esperar e que conduta destruiria os limites do sistema. Esta seleção antecipada do possível no sistema se origina no plano da expectativa (...)” (LUHMANN, Niklas. “La sociologia como teoria de sistemas sociales”, in: LUHMANN, Niklas. “La sociologia como teoria de sistemas sociales”, in: **Ilustración sociológica y otros ensayos**. Tradução de H. A. Murena. Buenos Aires: Sur, 1973, p. 159)